
ECOLOGIA

FERNANDA ARRUDA COSTA

**JORNALISMO AMBIENTAL ALÉM DA NOTÍCIA:
O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS
FATOS NOTICIADOS PELA MÍDIA**



Rio Claro - SP
2022

FERNANDA ARRUDA COSTA

**JORNALISMO AMBIENTAL ALÉM DA NOTÍCIA: O PAPEL DA
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS FATOS NOTICIADOS PELA MÍDIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Biociências – Câmpus de Rio Claro, da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita
Filho”, para obtenção do grau de Ecóloga

Orientador: Prof. Dr. Diego Correa Maia

Rio Claro - SP
2022

C837j

Costa, Fernanda Arruda

Jornalismo ambiental além da notícia: o papel da divulgação científica nos fatos noticiados pela mídia / Fernanda Arruda Costa. -Rio Claro, 2022

38 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Ecologia) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociências, Rio Claro

Orientador: Diego Correa Maia

1. Ecologia. 2. Divulgação científica. 3. Meio Ambiente. 4. Imprensa. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do Instituto de Biociências, Rio Claro. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

FERNANDA ARRUDA COSTA

JORNALISMO AMBIENTAL ALÉM DA NOTÍCIA: O PAPEL DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA NOS FATOS NOTICIADOS PELA MÍDIA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Biociências – Câmpus
de Rio Claro, da Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do grau de
Ecóloga

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Diego Correa Maia (orientador)

Prof. Dr. André Luís Messetti Christofolletti

Prof. Dr. Rafael Martins Sanches

Aprovado em: 12 de dezembro de 2022

Assinatura do discente

Assinatura do(a) orientador(a)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a quem sempre me guiou, me deu forças para não desistir e esperança para vencer.

Agradeço aos meus pais, que me deram todo apoio para chegar até aqui, sempre me incentivaram a buscar meus sonhos e sempre acreditaram no meu potencial.

Agradeço a todos meus colegas de turma, todas as amizades que eu fiz, não irei citar todos os nomes para não deixar ninguém de fora.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Diego, que me acolheu em um momento de incertezas, acreditou nas minhas ideias e me forneceu todo apoio e paciência nesse longo processo.

Agradeço todos os professores da minha graduação, foi uma honra de aprender com eles.

Agradeço a todos os funcionários do campus da Unesp de Rio Claro, graças ao trabalho coletivo é possível a formação de centenas de alunos por ano.

Por fim, agradeço ao ensino público e a quem acredita que a educação é o caminho para um futuro melhor.

RESUMO

Nesta pesquisa, procuramos compreender de que forma as reportagens jornalísticas com o tema meio ambiente estão sendo apresentadas pela grande mídia. O jornalismo é maior fonte de informações para a sociedade atual, pois consegue atingir uma grande camada da população, podendo ser também, uma ferramenta de divulgação científica. As informações sobre o meio ambiente através do jornalismo, possibilitam a formação de um cidadão consciente dos acontecimentos em nível local e global, estimulando-o a ser um agente ativo nas causas socioambientais. Dado o pressuposto, nosso objetivo é identificar de que forma as informações contidas nas reportagens estão sendo expostas ao leitor, considerando as características da divulgação científica e o papel do jornalismo ambiental. Utilizamos o método pesquisa de análise documental em seis diferentes reportagens, publicadas online pelos portais de notícias UOL e G1, com temas de destaque sobre o meio ambiente entre os anos 2018 e 2020. Através de uma síntese textual de cada reportagem, extraímos informações textuais que nos permitiram a formulação de uma análise crítica sobre o conteúdo das reportagens. Seguindo o que os autores propõem sobre o papel da divulgação científica e do jornalismo ambiental, concluímos que as reportagens analisadas não se enquadram dentro de uma abordagem educacional e de um conteúdo de divulgação científica.

Palavras-chave: Jornalismo ambiental; Divulgação científica; Reportagens; Meio ambiente.

ABSTRACT

In this research we understand how journalistic reports are being published by the environment theme, being published by the mainstream media. Journalism is the greatest source of information for today's society, as it can reach a large layer of the population, and can also be a tool for scientific dissemination. As information about the environment through journalism, it enables the formation of a citizen who is aware of events at a local and global level, encouraging him to be an active agent in socio-environmental causes. Given journalism, our objective is to identify that the information contained in the reports is being disseminated to the reader, considering the characteristics of scientific dissemination and the role of the environment. We use the documental research method in several reports, published online by the news portals UOL and G1, with prominent themes about the environment between the years 2018 and 2020. Through a textual synthesis of each report, we extract textual information that will allow us to the formulation of a critical analysis of the content of the reports. Following what the authors describe about the role of science communication and environmental journalism, we conclude that the reports within an educational approach and scientific dissemination content

Keywords: Environmental journalism; Scientific divulgation; reports; Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Notícia 1: Por que Pantanal vive ‘maior tragédia ambiental’ em décadas.....	19
Figura 2 – Notícia 2: Fogo já consumiu mais de 10% do Pantanal em 2020.....	22
Figura 3 – Notícia 3: Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil.....	24
Figura 4 – Notícia 4:O que está acontecendo na Amazônia? Ambientalistas explicam.....	27
Figura 5 – Notícia 5: Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha do Delta do Parnaíba.....	30
Figura 6 – Notícia 6: Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos.....	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS	10
3. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CONTEXTUALIZAÇÃO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS	12
3.1 Introdução da divulgação científica na mídia através do jornalismo científico	13
3.2 Contextualização do jornalismo ambiental e análise de como o tema meio ambiente é apresentado na mídia	15
4. ANÁLISE DOCUMENTAL	18
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1. INTRODUÇÃO

Devido ao aumento das mudanças ambientais e da crise climática, o tema meio ambiente é um assunto recorrente nos meios de comunicação e na grande mídia, está atrelado ao jornalismo especializado e cotidiano (GIRARDI, 2012). O jornalismo ambiental é uma área do jornalismo voltada para o tema meio ambiente, tem como fonte de origem o jornalismo científico. Engloba os veículos de comunicação de forma geral e se destina a um público leigo, não especializado (BUENO, 2012).

O jornalismo ambiental e a divulgação científica estão associados, ao falar do tema meio ambiente, encontramos uma vasta linguagem técnica relacionada à tecnologia e ciência, isso porque o tema ambiental é interdisciplinar e engloba diversas relações ecossistêmicas complexas, além das questões socioambientais envolvidas. Sendo assim, a divulgação científica está presente na necessidade da tradução da linguagem técnica para uma linguagem leiga, uma ferramenta de transcrição que torna a informação acessível ao leitor.

O tema meio ambiente ainda encontra dificuldade para ocupar um espaço no meio jornalístico, em grande parte das vezes, a temática ambiental ganha destaque quando está associada a catástrofes ambientais (GIRARDI, 2012). Da Costa Bueno (2007, p.37) menciona a "síndrome do jornalismo ambiental", em que o foco da cobertura desvia a interdisciplinaridade do assunto meio ambiente, que não pode ser tratado de forma fragmentada.

A maior fonte de informação para a sociedade em geral sobre assuntos relacionados ao meio ambiente, como: tecnologias, política, desastres ambientais, turismo e ciência, são as reportagens e notícias divulgadas por meios jornalísticos, o que torna essa ferramenta um meio relevante para a divulgação científica, assumindo um papel importante como agente de mudança social. Considerando as transformações que ocorreram nos meios de comunicação e no jornalismo ambiental nos últimos anos, é necessário estudos que compreendam de que forma o tema meio ambiente está sendo retratado pela mídia.

Diante disso, essa pesquisa tem como objetivo contextualizar a história do jornalismo ambiental como ferramenta de divulgação científica. Posteriormente, realizar uma análise documental através de síntese textual das reportagens selecionadas, para compreendermos de que forma o tema meio ambiente está sendo retratado na mídia, e se o conteúdo apresentado abrange o papel de divulgação científica.

O objetivo da pesquisa tem como pressuposto analisar de que forma o conteúdo relacionado ao meio ambiente está inserido nas reportagens e notícias jornalísticas que abordam o tema ambiental. Neste sentido, elencamos três objetivos específicos relevantes para a elaboração desta investigação; no qual destacamos em forma de tópicos: a) contextualizar da origem do jornalismo ambiental e compreensão do seu papel na divulgação científica; b) selecionar reportagens jornalísticas que contenham notícias relacionadas ao meio ambiente; e c) avaliar se a reportagem jornalística possui papel de divulgação científica e se as informações apresentadas contribuem para a formação de um debate crítico.

Uma questão que norteou a pesquisa, diz respeito aos fatos noticiados através do jornalismo ambiental que abrangem a divulgação científica promovem um debate amplo sobre o tema noticiado? São questionamentos que procuraremos discutir e buscar respostas nas fontes jornalísticas analisadas, sob a perspectiva ambiental.

2. PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Segundo Giíbs (2009) a pesquisa qualitativa tem como característica compreender os fenômenos sociais de diferentes formas, levando em consideração a identidade individual de cada pesquisa e seu contexto. Faz parte da estrutura da pesquisa qualitativa, a formulação de hipóteses para posteriormente serem testadas. Ainda de acordo com o autor, a pesquisa qualitativa fornece ferramentas importantes de análise que permitem a descrição e interpretação dos resultados do objeto estudado.

A partir da análise ocorre uma transformação, a coleta de dados qualitativos é processada através de um método analítico, e por fim, resulta em uma análise clara e compreensível do material coletado (GIIBS, 2009),

Existem diferentes métodos qualitativos de análise, nessa pesquisa temos como objetivo o estudo de documentos em seu estado natural, com o intuito de compreender suas particularidades, através da análise documental. A utilização de documentos como fonte pesquisa se justifica pela riqueza de informações que podem ser encontradas nesse material, e a possibilidade de inclusão do contexto social e histórico nas análises (SÁ-SILVA & ALMEIDA, 2009).

A análise documental pode ser compreendida como um método de investigação, através da verificação de dados diante de uma análise crítica, onde ocorre a organização de informações coletadas para elaboração de uma síntese de conteúdo (SÁ-SILVA & ALMEIDA, 2009).

A organização do material é feita através do processamento de leitura, para selecionar os documentos que estão de acordo com o tema da pesquisa e que contenham os dados necessários para análise. Existem diversos métodos de busca, diversos tipos de documentos que podem ser estudados e variados critérios de análise.

Na pesquisa em questão, os documentos são as reportagens jornalísticas publicadas em portais de notícias disponíveis na web. A busca do material foi feita através de uma ferramenta de busca online, o Google. O tipo de análise utilizada foi a síntese textual, que possibilita a compreensão da forma que o conteúdo está sendo apresentado e facilita a identificação dos dados que auxiliam na discussão dos resultados encontrados.

Os documentos selecionados para o estudo em questão, são reportagens jornalísticas publicadas online, pelos portais de notícias G1¹ e UOL². Esses portais estão entre os mais acessados do Brasil, disponíveis de forma online e gratuita).

O período de tempo proferido para a seleção do material, é entre os anos de 2018 e 2022, época marcada no Brasil pela disseminação de fake news e avanço da desinformação, com maior evidência a partir das eleições presidenciais em 2018 (DOURADO, 2020). Nos anos seguintes às eleições, no governo Bolsonaro, as *fake news* atingiram de forma brusca a população brasileira, sendo até então, uma das maiores crises da informação no território nacional.

Além dos temas selecionados durante os anos de 2018 e 2022, outras notícias relacionadas ao meio ambiente também obtiveram grande repercussão, entretanto, a escolha dos documentos analisados nesse projeto de pesquisa e seus respectivos temas se justificam pela contextualização política dos fatos, relacionadas ao desmonte dos órgãos públicos de defesa ao meio ambiente (SCANTINBURGO, 2018). As questões ambientais se tornaram um assunto mais sensível conforme a precarização das mesmas, tendo como resultado os desastres ambientais que chamaram a atenção do Brasil e do mundo.

As reportagens jornalísticas foram selecionadas através da ferramenta de pesquisa Google, na categoria “Notícias”, com o filtro “Classificar por relevância”. A reportagem que apareceu na primeira posição da pesquisa foi designada para análise. Os temas pesquisados foram os que tiveram grande destaque nacional entre os anos de 2018 e 2022, de acordo com Nogueira e Melo (2020).

Os temas chaves utilizados para a busca são: “Incêndios no Pantanal”, “Desmatamento na Amazônia” e “Vazamento de óleo no Nordeste do Brasil”. Foram realizadas duas buscas para cada tema, com a diferença de que cada pesquisa continha um nome de portal de notícias, Uol ou G1, isso possibilita filtrarmos os resultados de buscas apenas para as notícias publicadas apenas pelos sites em questão.

Foi realizada uma síntese textual de cada reportagem, a fim de investigar o conteúdo para extração de informações a partir de uma análise crítica, com o intuito de compreender de que forma as informações estão sendo apresentadas, e se o texto exposto contém características de divulgação científica.

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: 09 set. 2022.

² Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/>>. Acesso em: 09 set. 2022.

3. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: CONTEXTUALIZAÇÃO, CONCEITOS E CARACTERÍSTICAS

De acordo com Albagli (1996, p. 396), a divulgação científica pode ser compreendida como "tradução de uma linguagem especializada para uma linguagem leiga, visando atingir um público mais amplo". O papel da divulgação científica varia e se modifica em conjunto com o avanço da ciência e da tecnologia. A divulgação científica surgiu junto com a necessidade de levar ao público não alfabetizado cientificamente as informações técnicas, através de uma linguagem clara, que faz parte do dia a dia da sociedade, tornando o conhecimento acessível para todos.

A partir da Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, houve um aumento por parte da sociedade em relação à percepção do papel do conhecimento científico na produção e progresso de bens materiais, se intensificando com a chegada da segunda Revolução Industrial, ao final do século XIX. Entretanto, com o início da Segunda Guerra Mundial, e a explosão de grandes tecnologias, a ciência teve aplicação perceptível nas mais diversas áreas do dia a dia (ALBAGLI, 1996).

O conhecimento científico, durante décadas, se limitou apenas a uma parte privilegiada da sociedade, se tornando elitizado durante longos anos. Segundo Muller & Caribé (2010, p. 27), a implementação da divulgação científica, e o reconhecimento do direito a acesso à informação para todos foi inserida de forma gradual, e atualmente, o acesso à informação é reconhecido como um direito da população pelos governos democráticos.

Ainda de acordo com Muller e Caribé (2010), foi através da expansão da tecnologia da comunicação, no final do século XIX e início do século XX, que ocorreu uma revolução na forma de fazer divulgação científica. Além dos livros didáticos, atualmente, a divulgação científica está em filmes, jornais, música, teatro, revista e na internet, alcançando cada dia um número maior de pessoas.

O nível de discurso da divulgação científica para seu público alvo, exige uma certa cautela na decodificação das linguagens técnicas, pois a informação precisa, pode perder o sentido durante sua tradução para uma linguagem leiga, abrindo margem para equívocos e falsos discursos (BUENO, 2010). As *Fakes News* (notícias falsas), é um dos maiores exemplos nos últimos anos sobre apropriação da linguagem científica para disseminação de informações

falsas, manipulada para fins de persuasão populacional com teor político, refletiu em assuntos importantes como educação, saúde e segurança.

De Oliveira (2006) defende que o acesso à ciência e tecnologia está diretamente ligado ao bem estar social, considerando que apenas a partir do conhecimento sobre questões ligadas à ciência e tecnologia, é possível a abrangência de um debate democrático em relação às tomadas de decisão de cunho político, que atendem ao desenvolvimento científico e tecnológico que melhor representa os interesses socioculturais.

É fato que a democratização do conhecimento científico está diretamente ligada a divulgação científica, entretanto, isso não significa o afastamento da sociedade do contato com a história da ciência. Caldas (2010, p. 33) indaga que:

“Por outro lado, para além do discurso científico, é necessário, também, familiarizar as coletividades sobre os processos de elaboração das políticas públicas de CT&I, seus atores e detratores. Isto porque, sem conhecer um pouco de filosofia de ciência, da história social da ciência, de seus mecanismos indutores e usos sociais, como estabelecer um patamar mínimo de entendimento e de compartilhamento dos benefícios e riscos envolvidos no fazer ciência?”.

O autor aponta que só a divulgação científica não é o suficiente para o desenvolvimento de um corpo social ativo nas tomadas de decisão, pois é através dos conhecimentos adquiridos nos anos escolares que o indivíduo se familiariza com as informações básicas oriundas dos meios científicos. Cabe ao estado fornecer uma educação de qualidade para a formação de cidadãos ativos e participativos em seu meio.

A divulgação científica é um marco importante para a descentralização do conhecimento, primordial para o contato da comunidade que está afastada do meio acadêmico, aproximando-a do conhecimento científico. A aplicação da divulgação científica ainda enfrenta alguns obstáculos, entretanto, através do estudo dos meios de divulgação, é possível adotar uma estratégia mais eficiente. Entre os principais meios de comunicação científica, está o jornalismo científico, com grande potencial em relação ao alcance do público e com maior inserção no dia a dia da comunidade.

3.1 Introdução da divulgação científica na mídia através do jornalismo científico

Segundo Bueno (1985), o jornalismo científico pode ser compreendido como uma ferramenta da divulgação científica na imprensa. O jornalismo científico e a divulgação

científica têm como objetivo a transcrição da informação sobre ciência e tecnologia para o público não especializado, mudando apenas a forma que a informação é transcrita, a depender do locutor.

De Oliveira (2006), em seu livro intitulado de “Jornalismo Científico”, reafirma que a divulgação científica e o jornalismo científico andam lado a lado, o autor pontua também que o jornalismo científico pode ser considerado um dos maiores meios de divulgação da ciência e tecnologia no Brasil.

Entretanto, de acordo com de Simier (2000, p 125), a relação entre os meios de comunicação e o conhecimento científico é um pouco delicada, pelo fato de ambos serem de realidades distintas, além do mais, essa relação entre ciência e comunicação é pouco explorada. O autor também elucida que a grande massa da mídia é comercial, e tem como objetivo alcançar o maior número de pessoas possíveis através de seu produto, que é a notícia. Fato que pode prejudicar o que seria apenas a comunicação da realidade dos fatos, transformando-a na própria realidade de acordo com o intuito jornalístico.

Caldas (2010, p 34) ressalta que:

“Obviamente, a simples disseminação da informação com acesso a diferentes fontes de informação e bancos de dados, principalmente via web, não é suficiente para desenvolver a cultura científica cidadã. O processo político educativo é essencial para que o conhecimento científico possa ser apropriado a partir de ampla contextualização das informações e profunda reflexão do tema em questão”.

De acordo com o discurso do autor, a divulgação científica através dos diferentes meios de comunicação não substitui o processo socioeducativo, que segundo o ECA (Estatuto da Criança e do adolescente) “A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho”

Bacchetta (2000), em linha semelhante, destaca que o jornalismo ambiental ultrapassa o jornalismo científico porque envolve concepções filosóficas e éticas sobre as quais a ciência moderna exclui expressamente a possibilidade de emitir opiniões. No cerne destas posições críticas está a incorporação da visão sistêmica, ou seja, a relação primordial do todo e das partes, sem isolá-las.

3.2 Contextualização do jornalismo ambiental e análise de como o tema meio ambiente é apresentado na mídia

De acordo com Belmonte (2017, p. 111), o jornalismo ambiental é considerado uma especialização do jornalismo, e teve origem adjacente ao jornalismo científico, com a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico, em 19 de setembro de 1977. No Brasil, o jornalismo ambiental começou a ser notado nas últimas décadas do século XX, com o aumento das informações sobre o meio ambiente, o avanço da tecnologia e a alta demanda da população por informação com conteúdo de qualidade.

Da Costa Bueno (2007, p.35) define o conceito de jornalismo ambiental como: “processo de captação, produção, edição e circulação de informações (conhecimentos, saberes, resultados de pesquisas, etc.) comprometidas com a temática ambiental e que se destinam a um público leigo, não especializado”. Sendo assim, é esperado que o jornalismo ambiental seja uma ferramenta de divulgação científica, pois possui caráter informativo para um público leigo.

O jornalismo em geral, possui um importante papel social, considerando seu vasto alcance, é uma ferramenta fundamental para que o conhecimento chegue ao cidadão, tornando-o capaz de compreender as decisões sócio políticas e se tornar um agente participativo do meio (LOOSE & GIRARDI, 2017). Fato que também cabe nas questões de ordem ambiental no jornalismo, que são capazes de impulsionar o cidadão a ser mais consciente nas decisões tomadas em relação ao meio ambiente.

A movimentação da Rio-92 (Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento), que ocorreu no Rio de Janeiro no ano de 1992, foi um marco importante, tanto para as questões em geral relacionadas ao meio ambiente quanto ao jornalismo ambiental. Em Belo Horizonte, Minas Gerais, entre os dias 20 e 24 de maio, ocorreu o Encontro Internacional de Imprensa, Meio Ambiente e Desenvolvimento, conhecido como “*Green Press*”, que fez parte da programação oficial da Rio-92. Durante esse encontro, foram debatidas algumas questões entre os profissionais jornalistas que trabalhavam com o tema meio ambiente, ressaltando o compromisso de tratar a questão ambiental de forma contextualizada, considerando a origem, causa, consequência e mitigação (BELMONTE, 2017). Além do encontro citado pelo autor, ocorreram outros debates e eventos sobre imprensa e meio ambiente oriundos da Rio-92, foi a partir desses movimentos que o jornalismo ambiental começou a ganhar espaço no Brasil.

Girardi (2012, p. 137), salienta que o jornalismo ambiental não está restrito apenas a uma área de especialização do jornalismo, não se limita a cobertura especializada ou voltada para o meio ambiente. Visto que, a causa ambiental não pode ser tratada de forma descontínua, mas sim, de maneira sistêmica e contextualizada. Loose (2021, p. 323) complementa:

“A questão ambiental não é apenas um assunto ou pauta, mas uma espécie de lente com a qual compreendemos o lugar no qual estamos. Na prática jornalística, esse modo de observar e interagir altera a forma de selecionar os fatos, interpelar as fontes e escrever os relatos, pois considera que o *modus operandi* do jornalismo hegemônico é insuficiente e redutor, justamente por ser calcado na fragmentação, na simplificação e na priorização de fontes com poder econômico, político ou social.”

De acordo com os autores citados acima, é necessário um olhar mais minucioso ao noticiar as questões ambientais, deixando de lado os interesses das classes dominantes, tratando o tema considerando a relação entre os problemas ambientais e o meio em que se vive

Campo (2012, p.17) discorre sobre a Teoria Geral dos Sistemas, uma das teorias da comunicação, onde esclarece que a eficiência da comunicação não se limita apenas à emissão ou recepção do fato, mas sim na contextualização do processo. Concluindo que, existe uma interconectividade com o sistema social de comunicação, onde a sociedade é um receptor social que deveria ter o poder de decisão de como quer receber a notícia. Ainda de acordo com o autor, a mídia tem uma prática elitista, e ressalta que é comum durante o dia a dia observar uma pessoa com dúvidas sobre algum fato ou evento noticiado, muitas vezes, existe uma terceira pessoa tentando esclarecer o conteúdo, evidenciando que, cada receptor recebe de um modo a mensagem comunicativa, fato que aponta uma falha no papel do sistema jornalístico, no qual tem o dever de levar com clareza os fatos a população.

Para Boas (2004), a linguagem ideal adotada pela imprensa, deveria ter um foco educacional, corroborando com outros autores (BELMONTE, 2017; CAMPO, 2012; DA COSTA BUENO, 2007; GIRARDI, 2012;), com o consenso de que o jornalismo ambiental necessita abandonar a abordagem fragmentada e seguir o caminho da transdisciplinaridade. Em seu livro *“Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos”*, Boas (2004, p. 9) demonstra algumas direções a serem percorridas:

“(...) Os episódios não podem ser abordados episodicamente; as informações precisam ser compartilhadas em caráter educativo (sem didatismos banais, repito); os projetos econômicos são infinitos enquanto duram; a natureza tem regeneração finita enquanto se extingue; experimentar a natureza é diferente de contemplar lugares paradisíacos; a natureza é orgânica, anti-imperialista, engajada; e a Terra é, hoje, o único planeta capaz de identificar e unir todas as tribos humanas.”

Em outras palavras, é necessário profissionais que adotem uma linguagem que considere toda a biodiversidade e conectividade social ao tratar do tema meio ambiente. Isso não significa uma apresentação complexa, mas sim, levar ao público uma informação sem recortes, e com uma abordagem ecológica, deixando de lado a visão simplista sobre a natureza.

Em grande parte das vezes, quando o assunto meio ambiente aparece na mídia brasileira, está pautado de forma sensacionalista, com destaque em catástrofes ambientais, com o intuito de atrair um maior número de telespectadores e aumentar a audiência, relacionando a ecologia a abordagens rasas, através das “eco catástrofes” (ALVES, 2001). O lamentável episódio de um desastre ambiental, deve ter espaço também, para a investigação e divulgação de sua origem, causa e consequências.

4. ANÁLISE DOCUMENTAL

Iremos realizar a síntese textual das seis reportagens encontradas através do método de pesquisa de análise documental deste trabalho. O material coletado foi organizado em "Notícia 1" (Figura 1), "Notícia 2" (Figura 2), "Notícia 3" (Figura 3), "Notícia 4" (Figura 4), "Notícia 5" (Figura 5), "Notícia 6" (Figura 6). Sendo três temas diferentes e duas reportagens de cada tema, uma publicada pelo portal G1 e outra pelo Uol notícias. O primeiro tema é “Incêndios no Pantanal”, em seguida “Desmatamento na Amazônia” e por último “Vazamento de óleo no Nordeste do Brasil”.

Será realizada uma síntese textual de cada reportagem, e ao final, a partir das informações obtidas pela síntese, iremos formular uma análise crítica que permita compreender de que forma o conteúdo está sendo apresentado. Considerando o proposto pelo jornalismo ambiental e pela divulgação científica.

Notícia 1 - Título “Porque Pantanal vive ‘maior tragédia ambiental’ em décadas”

Data de publicação: 05/08/2020

Site: UOL notícias e G1

Autor: Vinicius Lemos

Fonte: BBC News Brasil em São Paulo

Figura 1 – Notícia 1: Por que Pantanal vive 'maior tragédia ambiental' em décadas. A) Reprodução G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/05/por-que-o-pantanal-vive-maior-tragedia-ambiental-em-decadas.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2022; B) Reprodução UOL. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/bbc/2020/08/05/por-que-pantanal-vive-maior-tragedia-ambiental-em-decadas.htm>>. Acesso em: 11 set. 2022.



Fonte: BBC News Brasil, 2020

Inicialmente, a reportagem introduz o assunto sobre as queimadas no Pantanal, citando que a região enfrenta crises em relação ao desmatamento, seca e queimadas. Um ponto importante, é que logo no início, já é informado ao leitor que o Pantanal é a maior área úmida continental do planeta. Após uma breve análise sobre os sete primeiros meses de 2020, é relatado o alto índice de desmatamento, foco de incêndio e seca das últimas décadas. Posteriormente, conteúdo da reportagem é subdividido em temas, com os principais assuntos envolvendo o incêndio no Pantanal.

O primeiro subtítulo é “Período de seca”, no início, é informado o baixo nível de água do Rio Paraguai. Posteriormente, é feita uma análise em relação ao histórico de seca na região pantaneira, onde é citado períodos isolados no passado em que também foram registrados altos níveis de seca. Para análises futuras da situação pluvial, são consideradas as opiniões de especialistas da BBC News.

Para compreensão das possíveis causas que contribuíram para a seca na região, é citado o alto índice de desmatamento na Amazônia e o fenômeno La Niña. Alguns outros termos ecológicos também estiveram presentes, como "rios voadores", “biomas”, “função ecológica” e “serviço ambiental”.

Em seguida, é introduzido o subtítulo “expansão do desmatamento”, onde discorre sobre desmatamento das regiões no entorno do Pantanal e a influência em relação à seca na região. Mais uma vez, é citado o desmatamento na Amazônia, e também no cerrado. Os termos ecológicos citados são: APP (Área de Preservação Ambiental afluentes, sedimentos e ciclo hídrico).

“O agronegócio” é o tema seguinte, que de acordo com o site é uma das causas do avanço do desmatamento da região. A produção extensiva de gado é apontada como uma das principais causas da perda de área do pantanal para pastagem, devido a perda da paisagem natural e aos novos métodos utilizados pelos produtores locais. São citadas falas de um biólogo e de um geógrafo sobre as consequências do avanço do agronegócio no bioma. A plantação de “capim exótico” e grãos, também são temas relacionados a perda de área natural da região. O governo Bolsonaro também é citado, pois devido ao desmonte dos órgãos de fiscalização ambiental, houve um enfraquecimento na fiscalização de combate aos incêndios.

Nessa etapa da reportagem os termos técnicos encontrados são “pastagens exóticas”, “capins exóticos”, “gênero braquiária”, “biodiversidade do bioma”.

No quarto subtítulo, “Recorde de queimadas”, é introduzido o grande número de focos de incêndios nos primeiros sete meses de 2020, o maior já registrado pelo Inpe. Diversos dados relatados na reportagem apontam o primeiro semestre, como o pior já registrado no Pantanal em relação às queimadas. É citada a dificuldade do combate ao incêndio nos biomas devido ao difícil acesso a algumas regiões, e também ao fogo que não é perceptível devido à vegetação local. Um analista ambiental esclarece a relação da biomassa vegetal e o fogo no substrato que se torna imperceptível. “Biomassa” e “substrato vegetal” são os termos técnicos citados.

O penúltimo subtítulo, é o “Fogo causado pelo homem”, a própria reportagem ressalta, que segundo os especialistas consultados, praticamente todo o incêndio registrado no Pantanal, foi causado pelo homem, pois o fogo natural é oriundo dos raios na época de chuva, entretanto, a região enfrenta um período de seca. Segundo o biólogo citado na reportagem, o fogo nem sempre é causado de forma intencional, mas que um grande foco de início é o uso de fogo para renovação de pasto.

O último tema é o “Combate aos incêndios”, que relata sobre como ocorreu o combate aos incêndios no mês de julho, por brigadistas e militares. Segundo relato de especialistas, a vegetação é de mais fácil regeneração, a maior perda será a dos animais que não conseguiram escapar das queimadas. A reportagem é finalizada com a afirmação de que se o Pantanal não voltar a inundar, pode nunca mais ser como antes.

As fontes de informações de dados citados no texto foram o Inpe (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais), Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), Organização Mundial de Meteorologia, Ministério Público do Mato Grosso do Sul, Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente), Imasul (Instituto de Meio Ambiente do Mato Grosso do Sul), MapBiomas, SOS Pantanal, ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação) e Prevfogo.

O texto apresenta uma estrutura exemplar dos fatos noticiados, assume a perspectiva de uma visão ecossistêmica do meio ambiente, contextualizando os fenômenos naturais e os acontecimentos de origem antrópica.

Por outro lado, a reportagem também apresenta o maior número de linguagem técnica que foge do uso da linguagem informal do dia a dia, fato que não seria uma problemática, caso esses termos fossem elucidados de forma educacional para o leitor.

Notícia 2 - Título “Fogo já consumiu mais de 10% do Pantanal em 2020”**Data de publicação: 20/08/2020****Site: G1****Autor: Nadja Pontes****Fonte: Deutsche Welle**

Figura 2 – Notícia 2: Fogo já consumiu mais de 10% do Pantanal em 2020. Reprodução G1. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/20/fogo-ja-consumiu-mais-de-10-do-pantanal-em-2020.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2022.



Fogo na região do Nabileque, em Corumbá, Pantanal de MS — Foto: Corpo de Bombeiros/Divulgação

Fonte: Deutsche Welle, 2020

A reportagem inicia com um título e uma introdução com um forte chamado em relação à extensão de queimadas no Pantanal. “Assustador e sem precedentes”, são as palavras que iniciam o primeiro parágrafo, em seguida é reforçado que 10% do bioma já foi consumido pelo fogo. No decorrer do texto são citados os dados do Inpe que comprovam o maior número de focos de incêndio já registrados.

As informações são complementadas pela fala do diretor do Instituto SOS Pantanal, que relata a velocidade e a recorrência do fogo nas mesmas regiões.

O primeiro subtítulo “Ação humana”, introduz o relato de Angelo Rabelo, fundador do Instituto Homem Pantaneiro, que conta que no ano de 2020 o fogo começou a aparecer já em fevereiro do mesmo ano. A ação humana é apontada como a principal responsável pelo início dos incêndios, que se alastram pela “mata seca”. A gravidade da situação é reforçada pela fala de Neiva Guedes, presidente do Instituto Arara Azul e Danilo Bandini, pesquisador da UFMS (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)

Em seguida, no subtítulo "Refúgio Ameaçado", é descrita a ameaça no refúgio das araras azuis do Instituto Arara Azul, que na época, estava com seu entorno sendo consumido pelas chamas. A presidente do Instituto conta que houve grande mortalidade devido aos impactos causados pelo fogo, e que a longo prazo ainda haverá mais prejuízo, devido a alteração causada no ecossistema. Também é mencionado o risco das espécies de Arara Azul voltarem para a lista de extinção. O termo técnico identificado nesse trecho da reportagem é "ecossistema"

Por último, em “Pouca proteção”, é exposta a situação de vulnerabilidade do Pantanal. O primeiro agravante a ser citado é a falta de proteção de vegetação nativa nas nascentes dos rios no cerrado que banham o bioma pantaneiro, expostos também a ação da agropecuária. O analista José Merengo, pesquisador do Cemanden (Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais), complementa com uma fala sobre o uso e ocupação do solo, e sua influência na proteção de áreas nativas. As linguagens técnicas registrados foram “vegetação nativa”, “regime das águas”,

O desmatamento da floresta Amazônica aparece como influência sobre a seca no Pantanal.

A reportagem é finalizada com uma reflexão de Angelo Rabelo sobre a relação do homem com a natureza, e a associação entre a pandemia do Covid 19 e a importância da proteção de espécies que podem futuramente trazer soluções para doenças que venham a aparecer. Os termos técnicos registrados foram “vegetação nativa” e “regime das águas”.

O Inpe foi a única fonte de dados citada na reportagem.

Notícia 3 - Título: “Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil”

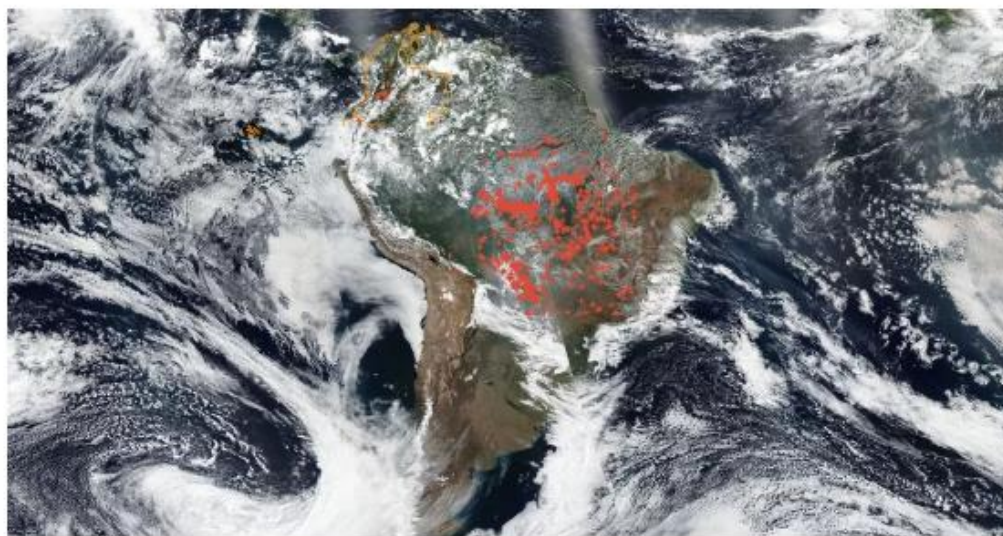
Data de publicação: 23/08/2019

Site: G1

Autor: Elida Oliveira

Fonte: G1

Figura 3 – Notícia 3: Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil



Reprodução de imagem do Banco de Dados de Queimadas do Inpe — Foto: Reprodução/Inpe

Fonte: G1, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/23/amazonia-em-chamas-o-que-se-sabe-sobre-a-evolucao-das-queimadas-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 03 set. 2022.

A reportagem tem como intuito informar sobre o que está acontecendo na Amazônia até então, o modelo textual adotado é composto por uma pergunta inicial em cada parágrafo.

A introdução da reportagem expõe dados sobre o número de focos de incêndio na Amazônia, que segundo o Inpe é o maior em sete anos no período de janeiro a agosto, e o incêndio no Brasil teve um aumento de 82% em relação ao mesmo mês do ano anterior.

A primeira questão abordada é “Qual é a realidade das queimadas no Brasil?”. Os mesmos dados apresentados na introdução são citados novamente, acrescentando que dentro do aumento de 82% dos incêndios no Brasil, 52,5% estão na Amazônia, 30,1% no cerrado, e 10,9% na Mata Atlântica. Em seguida é apresentado um infográfico com o mapa do Brasil elaborado pelo Inpe, indicando a quantidade de áreas queimadas no período de 1 de janeiro a 19 de agosto. Entretanto, não existe nenhuma explicação descritiva do infográfico na reportagem.

No parágrafo seguinte “Quem mede as queimadas no Brasil?”, conta que o Inpe é o responsável por medir as queimadas, através dos dados de satélite Aqua, e que as informações são disponibilizadas diariamente no portal Programa Queimadas.

Posteriormente em “Como são medidas as queimadas no Brasil?”, ocorre um complemento das informações anteriores. Através de uma linguagem técnica, é descrito o funcionamento dos nove satélites que produzem os dados utilizados pelo Inpe.

Algumas palavras de linguagem científica são observadas, como por exemplo “Satélite de órbita”, “satélites geoestacionários” e “um pixel de imagem”.

O quarto questionamento levantado é “Existe relação entre as queimadas e o desmatamento?”, como resposta é citado um estudo feito pelo Ipam (Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia), que aponta que os dez estados que tiveram maior índice de focos de incêndio também apresentaram maior taxa de desmatamento. Em seguida, é apresentada uma ilustração denominada de “Caminho da mudança na Amazônia”, onde descreve de forma ilustrativa o processo de desmatamento causado pela prática da agropecuária.

Na quinta pergunta “O que provoca as queimadas?”. São descritas como surgem as formas de incêndio de origem natural e antrópica. Em relação à Amazônia, a queima de madeira oriunda do corte de árvores para a abertura de espaço para pastagem, é a principal causa de incêndio na região, segundo a reportagem, que considera que o fogo de origem natural não se alastra com facilidade.

Em “Como o mundo percebe e acompanha estes dados?”, faz um breve relato da negativa reação dos governos do exterior e da comoção nacional e internacional nas redes sociais.

Na sétima questão “O que o governo anunciou?”, conta como foi a reação do governo diante a situação. Dando destaque para a fala do então presidente Jair Bolsonaro, que diz que as Ongs podem estar por trás das queimadas, entretanto, é ponderado pelo site, o fato da fala do presidente não ter nenhum embasamento.

Em seguida, “A fumaça das queimadas chegou a afetar o Brasil?”, tem como foco o relato do dia em que a fumaça oriunda das queimadas da região amazônica se encontrou com nuvens de frente fria, e ao chegar à região paulista, escureceram o céu de São Paulo. No parágrafo em questão, é apresentado infográfico de uma imagem de satélite do continente Brasileiro, demonstrando os focos de incêndio e fumaça na atmosfera. Apesar desse infográfico ser de mais fácil compreensão, não existe nenhuma análise descritiva do mesmo. A penúltima questão, “Quem combate às queimadas?”, relata que o corpo de bombeiros local é o responsável pelo combate aos incêndios, e que alguns estados utilizam a ajuda do Fundo Amazônia.

Por último, “Os incêndios só ocorrem no Brasil?”, mostra a situação das queimadas na Bolívia, que no dia da publicação da reportagem, teve 500 mil hectares de floresta consumida pelo fogo.

Em geral, a reportagem possui uma organização estrutural didática, a esquematização de temas abordados a partir de perguntas facilita a compreensão dos diversos fatos que estão por trás das queimadas na Amazônia. Entretanto, os assuntos são abordados de forma rasa, muitas vezes falta clareza nas informações e contextualização sobre alguns assuntos. Quando é citada alguma linguagem técnica ou científica, não existe uma explicação sobre o significado do termo, sendo necessário que o leitor tenha um conhecimento considerado ao menos básico sobre o assunto.

Ao ler a reportagem é possível compreender o que está ocorrendo na Amazônia, mas não é um conteúdo que tenha um caráter com caráter de divulgação científica, pela falta de tradução da linguagem especializada.

Notícia 4 - Título: “O que está acontecendo na Amazônia? Ambientalistas explicam”

Data de publicação: 21/08/2019

Site: UOL notícias

Autor: Wanderley Preite Sobrinho

Fonte: UOL

Figura 4 – Notícia 4: O que está acontecendo na Amazônia? Ambientalistas explicam



Fonte: UOL, 2019. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/21/o-que-esta-acontecendo-na-amazonia-ambientalistas-explicam.htm>>. Acesso em: 02 set. 2022

No início da reportagem, é relatado que o conteúdo em questão, tem como objetivo esclarecer o que está acontecendo na Amazônia através da opinião de especialistas, já enfatizando que segundo ambientalistas, as principais causas são o desmatamento, queimadas, falta de verbas e de fiscalização.

A estrutura do conteúdo é semelhante ao da reportagem anterior do G1, esquematizada por tópicos numerados, com temas relacionados às queimadas na Amazônia. O portal de notícias UOL refere-se aos temas abordados como “principais polêmicas”.

A primeira temática abordada, "O desmatamento aumentou", critica a fala de Ricardo Salles, na época, atual ministro do Meio Ambiente, que disse que "a Amazônia precisa de soluções capitalistas". A reportagem contrapõe a fala afirmando que é o avanço do capitalismo como principal motivo do desmatamento na região. Em seguida, os dados dos institutos de pesquisa Imazon e Inpe, apontam para um aumento do corte de árvores na Amazônia em relação a todos os meses de julho já registrados.

Marcos Buckerige, diretor do Instituto de Biociências, alerta para o percentual de desmatamento da Amazônia, afirmando que ainda não se sabe exatamente qual o limite de desmatamento que a floresta pode suportar para conseguir se regenerar, e com tom de crítica, afirma que é arriscado deixar o meio ambiente “nas mãos” de quem não entende do assunto.

O tema seguinte, “Queimada disparam”, discorre sobre o aumento dos focos de queimadas na Amazônia através de dados do Inpe. Vale ressaltar que, durante a reportagem o Inpe é referenciado como o maior produtor de dados da Amazônia no mundo, segundo Marcos Buckeridge.

Dessa vez, Ricardo Mello, gerente do Programa Amazônia do WWF Brasil, é o especialista que comenta sobre o assunto, alegando que o fogo na região é iniciado principalmente por atividade humana, com motivação de aumento de área para pastagem. Outra fala de Buckeridge é acrescentada, para explicar como os criminosos agem para causar incêndios. Por fim, é citado, o dia que o céu de São Paulo ficou escuro por conta das queimadas na Amazônia.

O terceiro tópico, “Fiscalização diminuiu”, tem início com a fala de Márcio Astrini, coordenador de Políticas Públicas do Greenpeace, que aponta a queda das ações de combate ao desmatamento do Ibama junto com a diminuição da aplicação de multas, que segundo Astrini, é uma mensagem de incentivo por parte do governo aos “desmatadores”.

Para complementar a fala do coordenador de políticas públicas do Greenpeace, a reportagem cita a exoneração do servidor José Olímpio Augusto Morelli, que multou o presidente Bolsonaro por pescar em área protegida.

Em “Governa desacredita Inpe”, é lembrado a exoneração de outro servidor público, dessa vez do Ricardo Galvão, de seu cargo de direção do Inpe, após a divulgação dos dados que apontaram o aumento do desmatamento na Amazônia. Os parágrafos seguintes são complementados com as falas dos três especialistas já citados anteriormente na reportagem,

que descrevem a conturbada situação do governo e do Inpe. O IBGE é mencionado de forma breve, como exemplo de mais um conflito do presidente,

Buckeridge discorre sobre a importância do Inpe para manter a soberania da Amazônia, pois se algum instituto internacional se tornar responsável pela produção de dados sobre Amazônia, podemos perder o controle do que de fato ocorre na região.

No tema “A Amazônia perde doações internacionais”, tem como foco a suspensão das doações da Noruega e da Alemanha que eram voltadas para a preservação do bioma, prejudicando principalmente o Fundo Amazônia. Buckeridge explica de forma rápida sobre como funcionava o modelo do Fundo Amazônia, e diz que alguns países estavam interessados em copiar o sistema para recuperar suas florestas.

Finalizando o conteúdo, “O que diz o governo?”, são relatadas as respostas do governo diante das questões abordadas na reportagem. De forma geral, o presidente da república negou as “acusações” dos ambientalistas, utilizando justificativas sem fontes que comprovem o que o mesmo diz.

O conteúdo da reportagem, de forma geral, é apresentado com um teor crítico em relação ao governo diante dos acontecimentos na Amazônia. Apesar dessas informações terem grande importância para a percepção do leitor sobre as medidas tomadas pelos representantes políticos, é possível observar a ausência de questões-chaves que respondam o porque é importante proteger o bioma e a relevância de sua biodiversidade no dia a dia da sociedade.

Os temas são representados através de uma linguagem de fácil compreensão, a esquematização em tópicos facilita a compreensão dos assuntos abordados, os especialistas citados dão credibilidade às informações apresentadas. São citados importantes instituições, como o Inpe, IBGE, Ibama e Instituto Amazônia.

Notícia 5 - Título: “Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha do Delta do Parnaíba”

Data de publicação: 24/09/2019

Site: G1

Autor: André Nascimento e Catarina Costa

Fonte: G1 PI

Figura 5 – Notícia 5: Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha do Delta do Parnaíba



Fonte: G1 PI, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/09/24/tartaruga-morre-ao-ser-atingida-por-mancha-de-oleo-escuro-em-ilha-do-delta-do-parnaiba.ghml>>. Acesso em: 10 set. 2022.

A reportagem é baseada em um vídeo feito por um surfista, que mostra uma tartaruga morta por óleo na Ilha dos Poldro. No início, o G1 conta que material semelhante ao óleo foi encontrado em outras praias de diferentes estados do nordeste. Entretanto, logo em seguida ocorre uma contradição, a reportagem diz que as manchas escuras são "supostamente" de óleo.

Um mapa é apresentado na reportagem para ilustrar a localização da região onde a tartaruga foi encontrada. Posteriormente, é relatado que uma operação foi realizada por algumas equipes para coleta de amostra do material, as equipes citadas são Capitania dos Portos, Ibama e Corpo de Bombeiros. Por fim, o chefe da Área de Proteção Ambiental do Delta do Parnaíba, Daniel Castro, conta que tipo de análise será feita no material e para que serve.

Ainda é acrescentada uma fala de Castro, que diz de forma rápida sobre potencial risco do material encontrado nas regiões do nordeste, e ressalta a importância de descobrir a origem do mesmo. O site cita uma orientação dada pela bióloga Warlene Magalhães, para caso seja encontrado algum animal em situação de risco, vivo ou morto, é recomendável acionar profissionais ou instituições que possam prestar o devido auxílio. A reportagem é finalizada com uma nota da Capitania dos Portos sobre o caso.

Analisando o conteúdo da reportagem, é possível encontrar um apelo sensacionalista. Ao ler o título a expectativa é saber sobre a tartaruga que foi atingida pelo óleo, entretanto, o animal é citado de forma breve sem maiores informações. Além disso, o título possui uma afirmação sobre o material encontrado ser óleo, mas no texto é "suposto óleo".

Não existe uma introdução para a contextualização do assunto sobre o vazamento de óleo que estava ocorrendo na época no Nordeste brasileiro. A tartaruga é citada no título, mas o conteúdo do texto não aborda sobre as espécies marinhas de tartaruga e consequência das manchas de óleo sobre o ecossistema. A reportagem não apresenta nenhuma informação nova sobre o vazamento de óleo no Nordeste, e não possui um conteúdo que auxilie o leitor a refletir de forma crítica sobre as consequências do desastre.

Notícia 6 - Título: “Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos”

Data de publicação: 25/09/2019

Site: UOL notícias

Autor: Aliny Gama

Fonte: UOL

Figura 6 – Notícia 6: Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos



Fonte: UOL, 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/09/24/tartaruga-morre-ao-ser-atingida-por-mancha-de-oleo-escuro-em-ilha-do-delta-do-parnaiba.ghtml>>. Acesso em: 09 set. 2022.

A reportagem do Uol notícias tem como tema a grande quantidade de estados do nordeste que o óleo cru já atingiu e o impacto ambiental causado. De acordo com o site, 8 dos 9 estados do nordeste já registraram ocorrência da substância no litoral nordestino. Até então, a origem do óleo era desconhecida.

O Uol notícias cita um vazamento de óleo que ocorreu dias antes da substância aparecer no litoral nordestino. O vazamento veio da estação de tratamento de despejos industriais da Refinaria Abreu de Lima, em Ipojuca (PE). Entretanto, a Secretária do Meio Ambiente e

Sustentabilidade junto com a Petrobras, negaram a relação da origem da substância com o derramamento de óleo.

‘O texto introduz um tópico denominado de “Sem origem”, que relata que a substância encontrada foi identificada como petróleo cru, mas a origem é desconhecida. Os responsáveis pela investigação são o Ibama, o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, a Marinha do Brasil e a Petrobrás. De acordo com a Petrobras, a substância encontrada não é produzida no Brasil.

No tópico seguinte, “Impactos ambientais”, é relatado a preocupação de ativistas ambientais, pois manchas de óleo foram encontradas em praias de desovas de tartarugas marinhas e santuários de golfinhos. Ainda de acordo com a reportagem, oficialmente nove animais marinhos foram encontrados sujos com a substância de óleo, posteriormente, é detalhada a situação dos animais.

O Ibama ganha destaque nas falas ao final da reportagem, de acordo com o instituto não há evidências de contaminação de peixes e crustáceos, mas quem deve analisar sobre o consumo dos mesmos é a Vigilância sanitária, algumas orientações oriundas do Ibama são repassadas para banhistas das regiões afetadas.

Em relação ao detalhamento das regiões afetadas pelo vazamento de óleo, a reportagem cumpre seu papel. Entretanto, sobre os impactos ambientais, fica a desejar, O assunto é tratado de forma rasa, só é citado que o óleo atingiu regiões ambientais sensíveis, mas não é especificado quais são os impactos ambientais causados e as consequências para a biodiversidade da região.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao analisarmos as 6 reportagens selecionadas, foi possível observar características distintas em relação à categoria das mesmas. As “reportagens especiais” que são mais longas e exploram o tema através da contextualização dos acontecimentos, é o caso de “Porque o Pantanal vive ‘maior tragédia ambiental’ em décadas” e “Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil”.

Existem também as “intermediárias”, que se aprofundam no tema, mas que seguem um foco, como por exemplo, “O que está acontecendo na Amazônia? especialistas explicam” do UOL Notícias, que assume uma narrativa crítica em relação às tomadas de decisão do governo diante da crise na Amazônia. Em o “Fogo já consumiu mais de 10% do Pantanal em 2020” do G1, tem uma abordagem voltada especificamente para as queimadas no Pantanal e suas consequências.

As restantes, “Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha do Delta do Parnaíba” publicada no G1 e “Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos” do UOL notícias, tem a proposta de um conteúdo mais curto e informações rápidas diante de um fato específico.

Levando em consideração que as reportagens se distinguem entre si em relação a abordagem, tema e categoria, não cabe uma análise comparativa entre as mesmas. Mas sim a análise de suas características individuais de acordo com suas propostas.

Foi possível identificar que algumas reportagens apesar de se enquadrarem no conceito de jornalismo ambiental, não cumprem, em partes, o papel de divulgação científica, pois não apresentam a tradução de uma linguagem especializada para uma linguagem leiga. Fato muito evidente em “Porque Pantanal vive ‘maior tragédia ambiental’ em décadas”, que expõe diversos termos técnicos sem tradução.

Em “Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil”, são citados nomes técnicos de satélites e suas funcionalidades de forma naturalizada, como se fosse um assunto de domínio dos leitores. Os infográficos presentes nas reportagens, não possuem legendas e explicações.

O apelo sensacionalista é observado em algumas reportagens, como por exemplo em “Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha do Delta do Parnaíba” e “Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos”. Apesar das reportagens

estarem dentro da categoria de informação rápida e conteúdo curto, os assuntos anunciados nos títulos em questão são mal explorados, e a abordagem sobre o conteúdo é apresentada de forma fragmentada.

Em relação à contribuição das reportagens para a sociedade como incentivo da construção de um debate crítico entre cidadãos, o destaque é “O que está acontecendo na Amazônia? especialistas explicam”, que através da opinião de especialistas sobre os fatos, tecem uma crítica ao governo diante das atitudes tomadas por representantes políticos sobre a crise queimadas na Amazônia. “Porque Pantanal vive ‘maior tragédia ambiental’ em décadas” é um exemplo de uso de fontes informações de instituições renomadas no Brasil, fato que contribui para o combate às *fake news*.

Foi possível identificar alguns assuntos que se repetiram entre algumas reportagens, como por exemplo, nas duas reportagens que tem como tema as queimadas no Pantanal, o período de seca na região foi relacionado ao desmatamento na Amazônia. O cerrado também foi citado mais de uma vez, em relação à situação das queimadas em seu bioma, e ao desmatamento de suas APP (Área de Proteção Ambiental). Uma unanimidade entre todas as reportagens, foi a relação antrópica como início das tragédias ambientais de cada tema.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo ambiental em conjunto com a divulgação científica, buscam a abordagem de uma linguagem clara para o leitor, através contextualização do tema meio ambiente considerando sua interdisciplinaridade e conectividade ecossistêmica, com intuito de informar e acrescentar de forma educacional, contribuindo para a formação de um cidadão crítico e participativo do meio em que vive.

Diante das análises realizadas e do longo caminho percorrido entre as sínteses de cada reportagem, identificamos as particularidades de cada texto, alguns longos com grande volume de dados e informações, outros mais curtos com conteúdo raso. Entretanto, apesar de todos terem como tema meio ambiente, nenhum se enquadra totalmente na linguagem de divulgação científica, nem possuem características esperadas do jornalismo ambiental definido de acordo com os autores citados nessa pesquisa (BELMONTE 2017; BOAS, 2004; CAMPO, 2012; DA COSTA BUENO, 2007; GIRARDI, 2012).

Os temas das reportagens selecionadas para a análise, obtiveram grande repercussão nacional, assim como os veículos de notícias nos quais foram publicados. Ou seja, as reportagens poderiam ter sido uma importante ferramenta para a construção de uma visão crítica diante das questões ambientais delicadas frente ao contexto nacional, contribuindo para o posicionamento do cidadão capaz de cobrar ações das entidades governamentais. Entretanto, para isso, os textos precisam ser acessíveis, com informações que traduzam a linguagem especializada para uma linguagem leiga e com dados o suficiente para gerar uma argumentação livre de *fake news*.

A maior fonte de informação para a sociedade em geral sobre assuntos relacionados ao meio ambiente, como: tecnologias, política, desastres ambientais, turismo e ciência, são as reportagens e notícias divulgadas por meios jornalísticos, o que torna essa ferramenta um meio relevante para a divulgação científica, tornando-se um agente de mudança social. Para o leitor ser capaz de construir um pensamento crítico e compreender com clareza o conteúdo que está tendo acesso, concluímos que é necessário o conhecimento prévio de alguns conceitos básicos ecológico,

Não podemos negar o importante papel do jornalismo que através das reportagens mantiveram o leitor informado sobre os fatos noticiados. Todavia, até as "reportagens especiais", com maior cobertura e maior números de informações, deixaram a desejar na tradução da linguagem técnica para uma linguagem leiga.

No jornalismo, o tema meio ambiente não pode estar associado a abordagem fragmentada, o sensacionalismo não pode existir em cima de assuntos sérios e o destaque não pode ser apenas para as tragédias ambientais. Debater sobre o meio ambiente através de informações claras, e conteúdo educacional é um grande passo para o combate à crise climática.

O jornalismo ambiental em conjunto com a divulgação científica é um assunto amplo e que ramifica diversas áreas a serem estudadas, porém, o número de pesquisas no Brasil que contemplam o tema ainda é baixo. São necessários mais estudos que auxiliem no desenvolvimento de um jornalismo ambiental acessível para toda população.

REFERÊNCIAS

- ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para cidadania. **Ciência da informação**, v. 25, n. 3, 1996.
- ALVES, J. M. O papel da mídia na informação Ambiental. In: **CONGRESSO ANUAL EM**. 2001.
- BELMONTE, Roberto Villar. Uma breve história do jornalismo ambiental brasileiro. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 6, n. 2, 2017.
- BOAS, Sergio Vilas. **Formação & informação ambiental: jornalismo para iniciados e leigos**. Summus Editorial, 2004.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 13 abril. 2022
- BUENO, Wilson da Costa. Jornalismo científico: conceitos e funções. **Ciência e cultura**, v. 37, n. 9, p. 1420-1427, 1985.
- BUENO, Wilson Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, v. 15, n. 1esp, p. 1-12, 2010..
- CALDAS, Graça. Divulgação científica e relações de poder. **Informação & informação**, v. 15, n. 1esp, p. 31-42, 2010.
- CAMPOS, Pedro Celso. Jornalismo e meio ambiente: a contribuição dos meios de comunicação e o conceito de sustentabilidade. **RuMoRes**, v. 6, n. 11, p. 4-25, 2012.
- CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **UNIrevista**, v. 1, n. 1, p. 32-46, 2006.
- DA COSTA BUENO, Wilson. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, v. 15, 2007.
- DE OLIVEIRA, Fabíola. **Jornalismo científico**. Editora Contexto, 2006.
- DE SEMIR, Vladimir. Scientific journalism: Problems and perspectives. **Insdternational Microbiology**, v. 3, n. 2, p. 125-128, 2000.
- DOURADO, Tatiana Maria Silva Galvão. Fake News na eleição presidencial de 2018 no Brasil. 2020.
- GAMA, Alyní. Óleo cru atinge litoral de oito estados no Nordeste e mata animais marinhos. **UOL**. Maceió, 25, set, 2019. Disponível em: [https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/09/25/oleo-cru-atinge-litoral-de-oito-estados-no-nordeste-e-mata-animais-marinhos.htm#:~:text=Oficialmente%2C%20nove%20animais%20marinhos%2C%20sendo,Delta%20do%20Parna%C3%ADba%20\(MA\)](https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/09/25/oleo-cru-atinge-litoral-de-oito-estados-no-nordeste-e-mata-animais-marinhos.htm#:~:text=Oficialmente%2C%20nove%20animais%20marinhos%2C%20sendo,Delta%20do%20Parna%C3%ADba%20(MA).). Acesso em: 09 set. 2022.

GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos: coleção pesquisa qualitativa**. Bookman Editora, 2009.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho et al. Caminhos e descaminhos do jornalismo ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v. 34, n. 1, p. 131-152, 2012.

LEMOS, Vinicius. Por que Pantanal vive 'maior tragédia ambiental' em décadas. **UOL**, São Paulo, 5 ago, 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/bbc/2020/08/05/por-que-pantanal-vive-maior-tragedia-ambiental-em-decadas.htm>. Acesso em: 11 set, 2022.

LOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental sob a ótica dos riscos climáticos. **Interin: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens Universidade Tuiuti do Paraná**. Curitiba, PR. Curitiba, PR: UFPR. Vol. 22, n. 2 (jul./dez. 2017), p. 154-172, 2017.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. Interfaces entre o debate colonial e os estudos de jornalismo ambiental. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 58, 2021.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado; CARIBÉ, Rita de Cássia do Vale. **Comunicação científica para o público leigo: breve histórico**. 2010.

NASCIMENTO, André; COSTA, Catarina. Tartaruga é encontrada morta ao ser atingida por óleo em ilha Delta do Parnaíba. **G1**. Piauí, 24, set, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2019/09/24/tartaruga-morre-ao-ser-atingida-por-mancha-de-oleo-escuro-em-ilha-do-delta-do-parnaiba.ghtml>. Acesso em: 10 set, 2022.

NOGUEIRA, Silvia Garcia; MELO, Filipe Reis; GALDINO, Amanda Caroline. A imagem ambiental do Brasil no governo Bolsonaro: análise de uma percepção latino-americana. **Sul Global**, v. 1, n. 2, p. 31-63, 2020.

OLIVEIRA, Elida. Amazônia em chamas? O que se sabe sobre a evolução das queimadas no Brasil. **G1**. Disponível em <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/23/amazonia-em-chamas-o-que-se-sabe-sobre-a-evolucao-das-queimadas-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 03 set, 2022.

PONTES, Nádia. Fogo já consumiu mais de 10% do Pantanal em 2020. **G1**, São Paulo, 20 ago, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2020/08/20/fogo-ja-consumiu-mais-de-10-do-pantanal-em-2020.ghtml>. Acesso em: 11 set, 2022.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos de; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista brasileira de história & ciências sociais**, v. 1, n. 1, p. 1-15, 2009.

SCANTIMBURGO, André. O desmonte da agenda ambiental no governo bolsonaro. **Perspectivas: Revista de Ciências Sociais**, v. 52, 2018.

SOBRINHO, Wanderley. O que está acontecendo na Amazônia? Especialistas explicam. **UOL**. São Paulo, 21 ago, 2019. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/21/o-que-esta-acontecendo-na-amazonia-ambientalistas-explicam.htm>. Acesso em: 02 set, 2022.